

## MEIO AMBIENTE

Lixos, condomínios e estradas destroem os corredores ecológicos e ameaçam os únicos refúgios de espécies da região, que hoje abriga apenas 27% da vegetação nativa. Animais e flora estão confinados

# O homem sitiou o cerrado

NO CERRADO, EXISTEM MAIS DE 80 ESPÉCIES DE MORCEGO. APENAS TRÊS DELAS SE ALIMENTAM DE SANGUE. A MAIORIA COME INSETOS OU FRUTOS E SUGA O NÉCTAR DE FLORES, CONTRIBUINDO PARA A POLINIZAÇÃO E A DISSEMINAÇÃO DE SEMENTES. TRANSMISSORES DA RAIVA, OS MORCEGOS SÓ MORDEM O BICHO HOMEM SE PRIMEIRO FOREM ATACADOS POR ELE.



José Varela

### RETRATO DOS VILÕES

Foto: Aclio Pinheiro



• **LIXÃO** – Do lado sul, o Parque Nacional de Brasília faz fronteira com o lixão. Do lado norte, com o Lago Oeste. O único corredor ecológico que restou às espécies está do lado noroeste do parque. É a Chapada da Contagem, por onde chegam antas, lobos-guarás, veados-campeiros e tamanduás-bandeiras. Pelas leis ambientais, o raio de 10km ao redor das unidades de conservação deve ser destinado às zonas de amortecimento. Até aqui a determinação não vem sendo cumprida.



• **CASCALHEIRA** – O solo argiloso do Distrito Federal tem sido explorado como mina para a retirada de cascalho. A atividade destrói a vegetação nativa que, originalmente, teria a função de proteger o terreno da erosão. O dano seguinte é o assoreamento de riachos e córregos. Localizada na fronteira norte do parque, essa cascalheira contribui para a redução do volume de água da Bacia do Paranoá.

ÉRICA MONTENEGRO  
 DA EQUIPE DO CORREIO

...Porque esta vida é embrejada. A gente vive, eu acho, é mesmo para se desiludir e desmisturar. A sem-vergonhice reina, tão leve e leve pertencidamente, que por primeiro não se crê no sincero sem maldade... O diabo não há. Existe é homem humano.

RIOBALDO, PERSONAGEM PRINCIPAL DE GRANDE SERTÃO: VEREDAS, A OBRA-PRIMA DE GUIMARÃES ROSA

**R**iobaldo é mais velho do que Brasília. Ganhou voz quatro anos antes da mudança da capital, foi em 1956, quando Guimarães Rosa eternizou a prosa poética do caboclo nas páginas de Grande Sertões: Veredas. Já naquela época, sem soja, sem palácios, o segundo maior ecossistema brasileiro sofria. Riobaldo reclamava do sumiço dos bichos, da derrubada do arvoredo, da cobiça cega da política. Imagine se visse o cenário de hoje.

Animais e plantas do cerrado vivem em Brasília como se naufragos fossem. As três principais unidades de conservação do Distrito Federal — Parque Nacional, Estação Águas Emendadas e Área de Proteção Ambiental Gama/Cabeça-de-Veado — estão se tornando ilhas inóspitas onde a fauna e a flora tentam resistir às ameaças de extinção.

O bicho homem, com seus condomínios, lixos e carros, rouba a liberdade de ir e vir de mamíferos, répteis, insetos e pássaros. Impede, ainda, as trocas genéticas entre as plantas. No quinto capítulo da série sobre o cerrado, o Correio Braziliense explica como a ocupação desordenada do solo está aniquilando os corredores ecológicos — trilhas essenciais para a manutenção da qualidade dos rios e a sobrevivência das espécies, inclusive dos homens que bebem a água que os homens poluem.

Quatro décadas depois da inauguração da capital da República, sobrou dentro o quadrilátero do Distrito Federal apenas 27% da cobertura original de cerrado. A informação consta do relatório *Vegetação no DF: Tempo e Espaço*, publicado pela Unesco.

A derrubada de campos, veredas e matas de galeria e a poluição dos córregos afugentou os animais nativos. As espécies que restaram estão confinadas aos 50,5 mil hectares que compreendem as três unidades de conservação onde ainda há vegetação. A pressão do homem sobre esses espaços segue exterminando a vida selvagem. "Estamos cercados de problemas por todos os lados", reconhece o diretor do Parque Nacional de Brasília, Elmo Monteiro.

Criado em 1961, o Parque Nacional está ladeado por ocupações irregulares que vão desde a cidade Estrutural, com 20 mil habitantes vivendo sem saneamento básico, aos condomínios de classe média da periferia de Sobradinho e do Lago Oeste. O parque também é vizinho do lixão brasiliense, que recebe em média 1.300 toneladas de material orgânico e inorgânico por dia.

Animais domésticos, como gatos e cachorros vira-latas, e típicos de áreas degradadas, como urubus e ratos, viraram competidores e predadores da fauna selvagem que habita o lugar. Tantos problemas levaram a organização internacional WWF a classificar o Parque Nacional como uma reserva de alta vulnerabilidade.

### Ambientes fragmentados

A moderna teoria de conservação ambiental reza que a vida das espécies nativas depende da existência de corredores ecológicos. Nada mais nada menos do que estradas usadas pelos animais, os corredores permitem que os animais e a carga genética das plantas passem de um lugar a outro, explica o professor de Engenharia Florestal da Universidade de Brasília (UnB), Cláudio Pádua. "Os ambientes naturais estão fragmentados por causa da ocupação humana", observa.

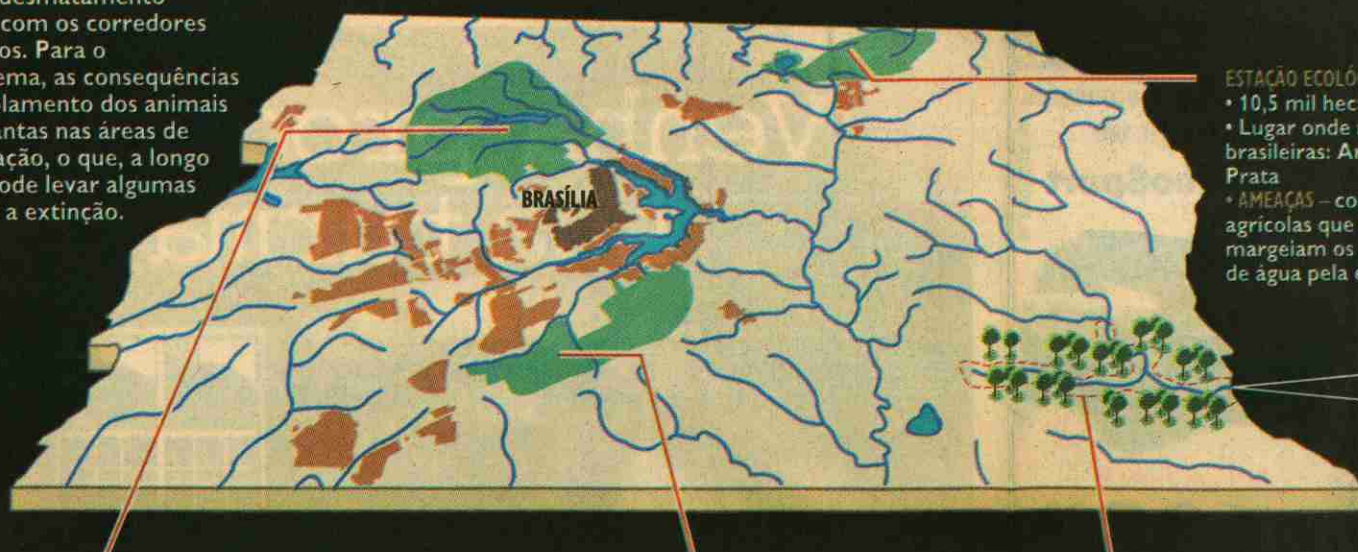
A regra genética da consangüinidade vale para todos os seres vivos. "Como parentes que se casam entre si, a probabilidade de doenças genéticas aumenta quando plantas e animais estão confinados em uma unidade de conservação", aponta a geóloga Mônica Veríssimo, da UnB.

As invasões, sejam de gente pobre ou de gente rica, e as lavouras agrícolas cercaram as áreas protegidas. Dentro da APA Gama/Cabeça de Veado, o parcelamento dos lotes do Park Way e a ocupação das áreas próximas ao Jardim Botânico impedem o vaivém das espécies. O problema é ainda maior em Águas Emendadas.

A estação ecológica faz fronteira com condomínios, fazendas e, também, com uma faculdade. "Não é coisa de ecologista xiita. Em pouco mais de 40 anos, as zonas de amortecimento e os corredores ecológicos foram praticamente destruídos. Como será daqui a 400 anos?", pergunta a professora Mônica Veríssimo.

### RISCOS AMBIENTAIS

A ocupação desordenada do solo e o desmatamento acabam com os corredores ecológicos. Para o ecossistema, as consequências são o isolamento dos animais e das plantas nas áreas de conservação, o que, a longo prazo, pode levar algumas espécies a extinção.



ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE ÁGUAS EMENDADAS  
 • 10,5 mil hectares  
 • Lugar onde nascem duas das três bacias brasileiras: Araguaia/Tocantins e Bacia do Prata  
 • AMEAÇAS – condomínios e atividades agrícolas que avançam sobre as matas que margeiam os cursos de água e captações de água pela estação Pipiripau

NAS ÚLTIMAS QUATRO DÉCADAS, O CERRADO BRASILIENSE PERDEU 600 ESPÉCIES VEGETAIS. ARROXEADO, ESTE LUPINUS SP RESISTE NA APA GAMA/CABEÇA-DE-VEADO

PARQUE NACIONAL DE BRASÍLIA  
 • 30 mil hectares  
 • Protege a bacia dos córregos Torto e Bananal  
 • AMEAÇAS – cidade Estrutural, condomínios ao redor do parque, depósito de lixo e criação do setor Noroeste

FAZENDA ÁGUAS LIMPAS, JARDIM BOTÂNICO e IBGE (localizadas dentro da APA Gama/Cabeça de Veado)  
 • 10 mil hectares  
 • Protege a bacia dos ribeirões do Gama e Cabeça de Veado  
 • AMEAÇAS – parcelamento dos lotes do Park Way e construção da segunda pista do aeroporto e do bairro Catetinho

CORREDORES ECOLÓGICOS  
 Os corredores ecológicos são trilhas entre os habitats naturais. Além de permitir a movimentação da vida selvagem, propiciam trocas genéticas entre espécies. Os rios e riachos são corredores ecológicos naturais